

ELAS

GAZETA DO SUL | SÁBADO E DOMINGO, 30 E 31 DE MAIO DE 2026 | NÚMERO 58



REINADO DE PRESENÇA

GABRIELE, EMANUELA E FERNANDA REPRESENTAM A 41ª OKTOBERFEST

PÁGINAS 3, 4 e 5



EDITORA DO CADERNO ELAS
CARINA WEBER
carina@gaz.com.br

Carina Weber

RECALDO DA EDITORA

Representatividade, superação e liderança. O *Caderno Elas* de maio apresenta trajetórias de mulheres inspiradoras que dividem seus legados em meio a desafios e projetos de vida. Na capa da publicação, o trio de soberanas da 41ª Oktoberfest compartilha como pretende conduzir o reinado à frente da maior festa alemã do Rio Grande do Sul. Gabriele, Emanuela e Fernanda expressam suas vivências e conexões com a Festa da Alegria.

Conexão que também faz parte da caminhada de Alessandra Pick, estruturada na dedicação aos negócios, à maternidade e ao voluntariado. Ajuda ao próximo que transformou vidas e o caminho de Elis de Vargas, pelo propósito de ser intérprete de Libras e empreendedora na área.

Ainda, damos continuidade à série especial que se une à campanha da *Gazeta Grupo de Comunicações* "Por elas. Pela vida. Um basta à violência contra as mulheres". Dessa vez, abordamos um projeto da Defensoria Pública que vai oferecer auxílio mental para órfãos do feminicídio. E, para fechar, dicas de como incluir a gravata no guarda-roupa. Boa leitura!

DESEJO DO MÊS

COLEÇÃO COLORAMA O DIABO VESTE PRADA

Em clima de *O Diabo Veste Prada 2*, o desejo do mês é a coleção de esmaltes da Colorama, inspirada no clássico filme. Em quatro cores - *Doce Rebelião*, *Item de Luxo*, *Noite de Estreia* e *Veste Prata* -, o lançamento traduz o poder e a atitude das

personagens que marcaram gerações. A linha é vegana e free, com fórmula de alta cobertura. O produto oferece longa duração e secagem rápida, o que facilita a aplicação no dia a dia. Inspire-se: nos esmaltes e no universo da moda!



Gravata feminina: mais do que um acessório

Se você assistiu ao filme *O Diabo Veste Prada 2*, deve ter se deparado com a volta delas: as gravatas femininas. No entanto, não é de hoje que elas transitam pelo universo da moda com diferentes representações: desde um código de imagem ligado à liderança e à emancipação feminina, até símbolos de rebeldia, autoexpressão e construção de identidade.

Cada época reinterpreta a peça. Hoje, de forma menos rígida e mais autoral, seu retorno conversa diretamente com movimentos que já vinham ganhando força nos últimos anos. Nesse contexto, sua presença em *O Diabo Veste Prada 2* reforça e potencializa, simbolicamente, esse imaginário cultural ligado à estética de liderança contemporânea.



VERSÃO CLÁSSICA

Inspirada diretamente na alfaiataria masculina, transmite presença, autoridade e sofisticação.

SKINNY TIE

Mais fina e fashionista, carrega irreverência e atitude.



Fotos: Divulgação/GS



LENÇO LAÇO

Reforça delicadeza e sofisticação, com um charme retrô.



Formas de amarração:



LENÇO AMARRADO AO PESCOÇO

Inspirado na estética parisiense e vintage, traz uma leitura mais suave, refinada e feminina.



NÓ SOLTO OU DESREGULADO

Cria uma estética moderna, despretensiosa e cheia de atitude.

NÓ CLÁSSICO

Estruturado e alinhado, é ideal para propostas elegantes e sofisticadas.



“Talvez seja exatamente por isso que a gravata continua atravessando décadas e aparecendo sob diferentes interpretações: porque nunca foi apenas sobre um acessório, mas sim sobre um símbolo visual que acompanha os movimentos culturais, comportamentais e femininos de cada geração.”

ANDRESSA TORREL
Estrategista de imagem

EXPEDIENTE

Edição: Carina Weber - carina@gaz.com.br Capa: Rodrigo Assmann Diagramação: Márcio Machado Arte-final: Márcio Machado



hs
hoffmann,spode
Desde 1903

Há mais de 120 anos,
sua melhor visão.

📍 No Calçadão da Floriano, 705
Centro | Santa Cruz do Sul.

📷 @hoffmannspode 📞 (51) 98142-2549



CAROLINA APPEL

carolina.appel@gaz.com.br

Entre a coroa e os compromissos que agora passam a fazer parte da rotina, existem histórias que começaram muito antes da noite da escolha das soberanas da 41ª Oktoberfest. Antes do título, da passarela e dos aplausos, estavam a menina do interior que cresceu cercada pelas tradições da família, a bailarina que aprendeu a transformar o movimento em forma de expressão e a jovem que encontrou na comunidade um lugar de pertencimento.

Rainha e princesas da Festa da Alegria, Emanuela Thayná Schuster, Gabriele Renata Bredow e Fernanda Laís Hauth chegaram à corte por caminhos diferentes. Mas, em cada trajetória, destacam-se temas que aproximam as três: família, memória, amadurecimento, raízes e a construção de uma identidade que não precisou ser deixada para trás para abrir espaço a novos sonhos.

Ao longo das conversas, surgem lembranças de domingos em comunidade, danças improvisadas na infância, chimarrão em família, tradições herdadas e perdas que deixaram marcas. Entre histórias pessoais e afetivas, também aparecem mulheres que aprenderam a reconhecer o próprio caminho sem abandonar quem eram antes. Juntas, elas representarão a maior festa alemã do Rio Grande do Sul.



Rodrigo Assmann

Emanuela Schuster: “Uma por todas e todas pela festa”

Rainha da 41ª Oktoberfest, Emanuela Thayná Schuster cresceu entre tradições, atravessou perdas, encontrou propósito na profissão e aprendeu a não deixar para trás a menina que foi. No dia seguinte à escolha da corte da 41ª Oktoberfest, ainda tentando entender a dimensão do momento vivido horas antes, Emanuela resumiu a relação construída com as novas companheiras de reinado em uma frase curta: “Uma por todas e todas pela festa.” No entanto, ao olhar para a trajetória da nova rainha, a frase parece encontrar outros sentidos. Isso porque Emanuela também carrega consigo muitas versões de si mesma. A menina do interior; a filha, a dentista, a mulher que amadureceu, a candidata de 2019 e a jovem que decidiu voltar.

Aos 25 anos, a cirurgiã-dentista nasceu e cresceu em Linha Pinheiral, interior de Santa Cruz do Sul, onde segue morando até hoje. Foi ali que ela construiu a relação com a cultura germânica e com a própria Oktoberfest. Em casa, as tradições nunca estiveram restritas aos dias de festa.

A vontade de participar da escolha de soberanas cresceu no mesmo ritmo da infância. Não houve um momento específico em que decidiu correr; o sonho simplesmente acompanhou a vida. Ao falar sobre si, Emanuela retorna diversas vezes à palavra simplicidade. Não como um discurso ensaiado, mas como algo que organiza sua rotina e a forma como escolheu viver. Ela gosta da vida no interior; do tempo desacelerado e dos pequenos rituais que permanecem os mesmos, apesar das mudanças.

“O meu momento favorito do dia é a nossa oração, quando podemos nos reunir e tomar nosso

Foto: Divulgação/GS



Emanuela com os pais, Ademir e Janise, e o irmão, Vinicius

chimarrão.” Na casa da família, o hábito virou tradição. Hoje, ela olha para esses encontros como espaços onde a família construiu vínculos, e compartilhou medos e sonhos; atravessaram fases importantes, entre elas uma das mais difíceis.

Duas semanas após concluir a graduação em Odontologia, no ano passado, Emanuela perdeu o pai, Ademir. Ao lembrar dele, a voz muda de ritmo. Ela conta que o incentivo à participação no concurso sempre esteve presente dentro de casa e que ele acompanhava esse sonho de perto. “Ele guiou esse passo, com certeza.”

A profissão também ocupa um lugar importante nessa trajetória. A odontologia surgiu em sua vida depois de um caminho marcado por inseguranças pessoais. Durante a infância e a adolescência, ela conta que conviveu por muitos anos com um olhar excessivamente crítico sobre si. O tempo trouxe outro entendimento. “A minha profissão cuida da parte mais linda do ser humano, que é o sorriso. E também temos muitos sorrisos na nossa festa.”

Com o sorriso ressignificado, Emanuela, que participou do concurso em 2019, retornou neste ano em um momento diferente da vida. Não voltou para repetir a experiência. Voltou mais madura, mais segura e entendendo melhor quem era. Na passarela, a faixa identificava a nova rainha da Oktoberfest. No entanto, junto dela, estavam todas as outras versões que vieram antes. Emanuela subiu ao palco acompanhada pela própria história.

Elaboramos com exclusividade, do jeitinho que você pensou, que caiba no seu bolso.


Olinda
MODA ALEMÃ

Av. do Imigrante, 286 - loja 106
@olindamodaalema 51 99555-6641



Traje sob medida até dia 17/07/26

Gabriele Bredow, a princesa bailarina

Entre a arte, a sala de aula, a ancestralidade e a Oktoberfest, Gabriele Renata Bredow construiu uma trajetória guiada pelo movimento e pela liberdade de ser quem é. Quando fala sobre a própria vida, transita por diferentes cenários, com naturalidade. A professora vira bailarina; a bailarina encontra a artista; a artista chega à sala de aula. A professora, então, volta para a dança. As versões mudam de lugar; convivem. Aos 26 anos, a princesa da 41ª Oktoberfest fala de tudo isso sem separar personagens, porque, no caso dela, não existem partes isoladas. Existe movimento.

Professora, bailarina e artista, Gabriele cresceu em Candelária, em uma casa onde a criatividade fazia parte da rotina. A arte aparecia em detalhes cotidianos: na mãe, Mara, e na avó paterna, Tina, que pintavam; nos trabalhos manuais; nos finais de semana transformados em espaço para criar. A dança chegou cedo. Ainda criança, foi assistir a apresentações de balé e voltou encantada. Em pouco tempo, começou a reproduzir passos improvisados sobre cadeiras. A professora percebeu a inquietação da menina e a convidou para dançar. Ela nunca mais parou.

Com 15 anos, começou a dar aulas. Depois vieram outros caminhos:

dança de salão, danças gaúchas, apresentações, concursos, aulas e diferentes formas de expressão.

Hoje, divide a rotina entre aulas de balé clássico para a equipe de ginástica rítmica do Colégio Mauá, aulas particulares e atividades ligadas à arte. A dança ensinou movimentos, técnica e disciplina, mas também o modo de observar as pessoas. Para Gabriele, esses traços também contam histórias. Tal percepção acompanha a professora dentro e fora da sala de aula.

O movimento também aparece na rotina pessoal. Gabriele acorda cedo, medita, pratica yoga, acende um incenso e toma café em silêncio. A prática começou há anos, em meio a processos de autoconhecimento que vieram junto com concursos e experiências pessoais. “Foi um processo de olhar para dentro.” Há dois anos, mudou-se definitivamente para Santa Cruz do Sul. A aproximação, no entanto, vinha de antes: visitas, trabalhos, cursos e oportunidades profissionais fizeram a cidade entrar aos poucos em sua vida.

Ao longo do tempo, os concursos de beleza também se somaram à trajetória. O primeiro veio ainda aos três anos, quase por acaso. Depois vieram concursos locais, experiências estaduais e a conquista do título de Miss Rio Grande do Sul Terra, em São Paulo. “Fui exatamente quem sou.”

Desde o início da preparação para a escolha das soberanas da Oktoberfest, Gabriele falava sobre representar diversidade. Filha de uma família que carrega origens indígenas e alemãs, cresceu cercada por referências distintas: da parte materna, práticas ligadas à espiritualidade, chás, benzimentos e tradições familiares; do lado paterno, a música, a cultura germânica e as lembranças embaladas por bandinhas. “Trago comigo esse símbolo de diversidade.”

Entre as lembranças da Oktoberfest, existe uma que retorna com for-

ça. O último ano em que o pai, Vanderlúcio, esteve presente no parque. Ele morreu em 2019, mas permanece em muitas imagens guardadas pela filha. “Ele gostava muito de fazer as pessoas felizes.”

Quando perguntada sobre o que diria para a menina que foi um dia, a resposta vem rápida: “Ela pode tudo o que quiser.” Gabriele diz ter crescido em uma casa onde aprendeu a pensar, questionar e acreditar nas próprias ideias, mesmo quando pareciam improváveis. Hoje, olhando para a faixa de princesa sobre o peito, reconhece algo importante. A menina do interior; a bailarina, a professora, a artista e a mulher que decidiu seguir a própria essência continuam dançando juntas.



Divulgação/GS



Gabriele: amor pela dança e pelas artes

Rodrigo Assmann


Olinda
MODA ALEMÃ

De acordo com o seu gosto,
feito para você.

A gente te ajuda a escolher:

Cores - Modelo - Acabamentos
Tecidos - Detalhes

Av. do Imigrante, 286 - loja 106
@olindamodaalema 51 99555-6641

Traje sob medida até dia 17/07/26

Fernanda Hauth, da comunidade para a corte



Rodrigo Assmann

Entre a comunidade, o futebol de domingo, a cooperativa e um sonho antigo, Fernanda Laís Hauth descobriu que ser ela mesma era o caminho mais curto até a coroa. Antes do título e dos compromissos que agora preenchem a agenda, ela já ocupava outros espaços. Estava na cozinha da quermesse, ajudando em um torneio da comunidade, assistindo a um jogo de futebol no interior ou reunida ao redor de uma mesa de domingo com a família. Aos 25 anos, a princesa da 41ª Oktoberfest fala sobre si como quem percorre lugares muito familiares e

cuja história quase sempre termina nas mesmas palavras: família, comunidade e pertencimento.

Fernanda mora em Boa Vista, interior de Santa Cruz do Sul, comunidade que ajudou a construir a forma como enxerga o mundo. Cresceu em meio a uma família envolvida nas atividades locais, acompanhando os pais, avós e parentes em festas, encontros e iniciativas comunitárias. Participar nunca foi exceção; era rotina. E continua sendo.

Hoje, mesmo com uma agenda que promete ganhar outro ritmo a partir do reinado, ela segue ligada ao clube da família, o Aliança, do qual seu avô Fernando foi um dos fundadores. O envolvimento atravessa gerações: o primo é presidente, a prima atua na secretaria, o namorado ocupa a tesouraria e ela, oficialmente, responde pela divulgação. Oficialmente. Porque, na prática, faz um pouco de tudo. “Na copa, na cozinha, no que precisar.”

A fala vem acompanhada de riso, mas ajuda a entender uma característica que aparece repetidas vezes ao longo da conversa: Fernanda gosta de estar onde as coisas acontecem. Ela se define como espontânea, expressiva e intensa. Ri ao dizer que tem “cara com legenda”. A expressão surgiu durante a entrevista e, em poucos segundos, parecia resumir algo impor-

tante sobre ela: sentimentos difíceis de esconder e um jeito de existir que ocupa espaço sem esforço.

“No início eu pensava: ser somente eu vai ser o suficiente?” A dúvida apareceu cedo. Veio acompanhada por inseguranças, exigências pessoais e aquela sensação comum a quem precisa subir em um palco levando sonhos grandes no peito. Até ouvir um conselho que passou a carregar durante todo o processo: não abandonar a própria essência. “Seja tu. Desse jeitinho.” A frase ficou.

Melhorar a fala, desenvolver habilidades e se preparar faziam parte do caminho, sem deixar para trás a menina que começou a sonhar muito antes. “Não perder o brilho no olho da Fernanda de seis aninhos.” A menina de seis anos aparece algumas vezes ao longo da conversa. É ela quem acordou cedo em um domingo chuvoso esperando pelo desfile da Oktoberfest. Quem insistiu para os pais irem até a festa, mesmo com o tempo fechado. Quem ficou triste ao ouvir no rádio que a programação havia sido cancelada. E quem, horas depois, comemorou quando a chuva parou e a família conseguiu ir ao parque. “Lembro daquele sentimento como se fosse hoje.”

Fernanda trabalha desde 2020 em uma cooperativa de crédito, onde hoje atua como gerente de relacionamento e negócios.

A emoção aparece rápido quando fala das pessoas. Da família, da comunidade e até das meninas que um dia podem enxergar nela a mesma inspiração que encontrou em outras soberanas. Fernanda fala disso com a mesma simplicidade com que descreve um domingo perfeito: a mãe preparando galinhada com maionese, a família reunida, chimarrão, futebol e crianças correndo pela casa. É nessa cena que ela se reconhece. É nela, também, que mora uma das respostas para a pergunta que fez a si mesma durante o concurso. Ser só ela foi mais do que suficiente.



Divulgação/GS

Fernanda Hauth também foi princesa da Lifasc em 2023



Masculino



Infantil



Feminino



Mãos que **falam**

A mulher que ganhou notoriedade dando visibilidade a outras pessoas. Numa apresentação simplista, essa poderia ser a descrição da santa-cruzeense Elisandra de Vargas da Silva, a Elis, de 35 anos. Mas, num olhar mais amplo, revela que gestos simples podem causar impactos inimagináveis. Ao perceber que poderia fazer a diferença na vida de pessoas surdas, ela também transformou a própria vida. E foi de forma totalmente despretensiosa, sem esperar nada em troca.

Ainda adolescente, Elis conheceu um projeto de Libras, voltado ao atendimento de pessoas com deficiência auditiva, na Igreja Batista Pioneira de Santa Cruz do Sul. A iniciativa, conforme conta, buscava inserir as pessoas nas atividades desenvolvidas no local. Encantada com o que via e, sobretudo, com a possibilidade de aprender algo novo, começou a participar dos encontros para aprender o básico da Língua Brasileira de Sinais. Já com a prática, voluntariou-se para atuar como intérprete de Libras nos cultos.

Por uns cinco anos, conciliou a atividade com seus demais afazeres de forma esporádica. No entanto, quis aprender ainda mais e decidiu que se tornaria uma profissional na área de Libras. Assim, poderia seguir ajudando as pessoas. Foi quando se matriculou em um curso de intérprete de Libras, em Canoas. A persistência era tamanha que nenhuma dificuldade a desmotivou. Para dar conta da carga horária do curso, ajustou sua escala de trabalho – à época era copeira no Hospital Santa Cruz (HSC) – e também fez faxina na casa de um dos colegas para conseguir custear as despesas semanais das viagens até Canoas. Passado um ano e meio, concluiu o curso.

No mesmo período, ainda se graduou em Pedagogia, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), pois queria ser “professora de surdos”. Junto com os diplomas, Elis conquistava a chance de trilhar um novo caminho. Assim que se formou em Canoas, deixou o emprego no hospital para se dedicar totalmente a esse propósito, iniciando sua carreira no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), onde atua até hoje. Começava aí um novo capítulo da sua história.



CLÁUDIA PRIBE

claudia.pribe@gazetadosul.com.br

PARA GANHAR O MUNDO

Os planos de Elis incluem alçar voos ainda mais altos. Ela quer tornar possível para qualquer pessoa, a qualquer hora e em qualquer lugar, o acesso à Libras. Sua empresa – a Elis Vargas Libras & Comunicação, que atua em todo o Brasil agenciando intérpretes de Libras e ministrando cursos presenciais e online, está incubada na Unisc desenvolvendo a plataforma EVOX Libras Online, que permitirá atendimento online, rápido e com intérpretes disponíveis a quem precisar.

A iniciativa será disponibilizada, inicialmente, para as empresas e deve romper fronteiras e invisibilidades. Sem esquecer das origens, Elis segue conciliando seu trabalho com o Ministério dos Surdos da Igreja Batista Pioneira.

Fotos: Rodrigo Assmann



“NUNCA IMAGINEI ESTAR NO CANTINHO DA TELEVISÃO”

Nos últimos 14 anos, Elis já impactou inúmeras vidas através da Libras. Enquanto suas “mãos falam” [sinalizam], pessoas são vistas e percebidas. “Libras é empatia na prática, é luz, é amor ao próximo. O povo surdo é sofrido demais e vive praticamente isolado. Então, quando conseguimos demonstrar isso a eles, através da comunicação em Libras, isso ilumina; significa ‘estou te vendo e prestando atenção em ti’”, destaca. É isso, na sua avaliação, que torna o trabalho tão significativo.

Outro ponto gratificante, conforme aponta, é a possibilidade de atuar nas mais diversas áreas. Seja em empresas, eventos ou locais públicos, Elis consegue ministrar treinamentos, bem como dar visibilidade e voz às pessoas. “A minha

profissão me possibilita estar em muitas áreas diferentes e em muitos lugares, e isso é maravilhoso.”

Ela também menciona, nesse aspecto, sua participação como intérprete em projetos musicais, em sessões terapêuticas intermediando o atendimento entre pacientes e psicólogos, entre outros.

Dentre as tantas experiências já vivenciadas com o trabalho de Libras, ela diz que a primeira vez em que apareceu no cantinho da televisão, atuando como intérprete durante a campanha eleitoral de 2016, foi inesquecível. “Libras é um presente de Deus na minha vida. Cresci num bairro pobre, no Faxinal, e nunca imaginei que um dia estaria no cantinho da televisão”, emociona-se.

MOÇA BIJU[®]



**EMPÓRIO
DA MOÇA**

Linha básica, Premium e semijoias em pedras naturais

Somos referência em acessórios para festa.



Alessandra Pick encontrou no voluntariado um propósito



KAROLINE ROSA

karoline.rosa@gaz.com.br

“Minha faculdade é a vida.” É assim que Alessandra Pick costuma resumir a própria trajetória. Aos 46 anos, a vera-cruzeense carrega marcas de uma caminhada que se estruturou no trabalho, na maternidade, na superação após perdas familiares e na dedicação ao próximo.

Empresária à frente de uma rede de postos de combustíveis e de uma transportadora, ela acredita que as experiências vividas e as relações construídas ao longo do caminho foram fundamentais

para formar a mulher que é hoje. “Sou empresária da vida”, define. Mãe pela primeira vez aos 15 anos, Alessandra conta que amadureceu cedo.

Criada em uma rotina de trabalho desde a adolescência, conciliou a criação dos três filhos com a construção dos negócios ao lado do marido, Giovani, companheiro que considera ter sido seu grande parceiro e sua inspiração. “Nada foi fácil, mas nunca me acomodei. Se me der uma missão, vou resolver.” Hoje, ela vê essa força refletida nos filhos: Felipe, 29 anos, Eduarda, 26, e a caçula Giovanna, 15.”



PAIXÃO PELO QUE FAZ

Foi justamente em meio às dificuldades que o voluntariado ganhou ainda mais espaço na vida de Alessandra. Embora diga que sempre gostou de ajudar as pessoas, ela teve um envolvimento mais intenso a partir do temporal que atingiu a região em 2023.

Na época, começou auxiliando funcionários que tiveram as suas casas destelhadas e, quando percebeu, já estava mobilizada em ações maiores junto à comunidade. Depois, durante as enchentes de 2024, mergulhou ainda mais nas ações solidárias, ajudando famílias atingidas e participando da distribuição de doações em áreas afetadas. “Aquilo mexe contigo. Não tem dinheiro no mundo que pague o que sentimos quando conseguimos ajudar alguém”, relata.

O espírito voluntário também a aproximou da Feira da Produção, em Vera Cruz. Alessandra participa da organização do evento de forma espontânea, ajudando nos bastidores, na montagem e no suporte às equipes. “Se eu entro, só saio no final. Deve-se ter paixão naquilo que se faz”, resume. Para ela, o verdadeiro valor das experiências está nas conexões humanas. “Gosto de gente, de troca, de abraço sincero. O mundo está muito carente disso.”

FAMÍLIA MOVIDA PELO ESPORTE

A história da família sempre esteve profundamente ligada ao esporte, em várias modalidades. O motociclismo, especialmente, tornou-se um elo afetivo entre eles. Alessandra foi a primeira campeã regional feminina de motocross da região, com o restante da família também presente em competições esportivas. “O esporte nos une”, lembra. Segundo ela, foi o esporte que ajudou a fortalecer os laços familiares e ensinou sobre superação.

A vida, no entanto, também trouxe perdas profundas. Em 2019, Alessandra perdeu os pais. Pouco tempo depois, em 2023, enfrentou a morte do marido, Giovani, após dias de internação em uma UTI. O período foi um divisor de águas. “Eu não tinha escolha. Tinha três filhos e precisava continuar”, conta. Apesar da dor, Alessandra escolheu seguir com gratidão pelo tempo vivido ao lado de Giovani. “O que não tem solução é a morte. O resto, tentamos resolver.”



Alessandra com os filhos, o marido e a nora, Juceila

APRENDER A VIVER

Entre uma lembrança e outra, Alessandra volta repetidamente à mesma reflexão: a importância de viver o presente.

Ela entende que as perdas fizeram com que percebesse ainda mais o valor das relações e da simplicidade. “O dinheiro ajuda, resolve muita coisa. Mas ele não compra mais cinco minutos com quem amamos.”

Por isso, acredita que é preciso demonstrar afeto, olhar para o outro e cultivar empatia. “As pessoas estão muito individualistas. Às vezes, um abraço sincero muda o dia de alguém.”

Mesmo à frente de grandes responsabilidades empresariais, Alessandra insiste em preservar a leveza. Gosta de ser reconhecida pela simplicidade, pela espontaneidade e pela capacidade de se conectar com as pessoas.

E talvez seja justamente essa a maior lição de Alessandra: aprender na prática, entre tombos, perdas e recomeços, que a vida ganha mais sentido quando é vivida com coragem, leveza e olhar atento ao próximo. Para ela, seguir em frente também significa estender a mão, oferecer acolhimento e entender que, muitas vezes, ajudar alguém é o que também fortalece a quem ajuda.

NOVIDADE!

CARRETINHA KIDS

pra festa da criançada em Santa Cruz e região!

AGENDE JÁ SUA DATA!

51 99985-5279

51 99696-9926

@carretinhakids25



9 METROS DE DIVERSÃO

Projeto da Defensoria Pública vai oferecer auxílio mental para **órfãos do feminicídio**



PAULA APPOLINARIO

paula.appolinario@gaz.com.br

Os altos índices de feminicídios apontam para a necessidade de políticas públicas em defesa das mulheres que sofrem qualquer tipo de violência. No entanto, não há como esquecer as pessoas que ficam e convivem com as marcas deixadas pelo crime. Elas são as vítimas indiretas do feminicídio e podem ser os pais, irmãos, filhos, demais familiares e amigos próximos que enfrentam impactos sociais, econômicos ou psicológicos da perda.

Pensando nisso, a Defensoria Pública do Rio Grande do Sul lançou, no ano passado, um projeto chamado “Vidas que Ficam”, que busca uma atuação integrada para auxiliar os familiares com apoio jurídico e de saúde, amparo social e acesso a benefícios.

“Ele tem a intenção de encaminhar os casos que se enquadram para, por exemplo, a obtenção de pensão especial aos órfãos do feminicídio, além de promover um atendimento integral às vítimas indiretas desse crime”, exemplifica a defensora pública Paula Simões, dirigente do Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente, responsável pelo projeto.

Na atual etapa, iniciada a



Foto: Francielle Caetano / ASCOM DPE/RS

Defensoria e Instituto Contemporâneo na assinatura do termo de cooperação

partir de uma parceria com o Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade, a iniciativa busca prestar suporte mental e psicológico para órfãos do feminicídio menores de idade e suas famílias a partir de uma equipe especializada. Demais familiares, bem como os maiores de idade, não estão no escopo deste projeto específico; porém, seguem tendo amparo da Defensoria Pública, por meio de outras ações.

BUSCA ATIVA

A Defensoria Pública é um órgão que oferece assistência judiciária gratuita para aqueles que a buscam. Para ser atendido, é necessário preencher requisitos, como ser financeiramente hipossuficiente, ou seja, possuir renda familiar mensal, igual ou inferior a três salários mínimos nacionais, considerando-se os ganhos totais brutos da sua entidade familiar.

Diferentemente do trabalho de atendimento, em que o órgão precisa ser acionado para agir, a Defensoria Pú-

blica vai realizar busca ativa das famílias que possuem filhos das vítimas que são atualmente menores de idade, visando à promoção especializada dos direitos das crianças e dos adolescentes, assim como faz para outros públicos, como mulheres, pessoas idosas e pessoas com deficiência, entre outros.

A ação vai funcionar a partir do encaminhamento dos processos criminais e registros de boletins de ocorrência para a equipe que, com as informações dos nomes das vítimas, vai contatar os responsáveis pelas crianças e pelos adolescentes.

Para viabilizar a chegada desses casos de forma célere, alguns acordos foram firmados. A Secretaria de Segurança Pública, por exemplo, vai comunicar novos registros, bem como o Poder Judiciário tem o compromisso de encaminhar os processos referentes ao crime.

Após o recebimento de todos os processos, o trabalho começa a ser de filtragem. A equipe busca os dados das vítimas para tentar um contato.

OS TRAUMAS DO FEMINICÍDIO

Segundo a psicóloga Elisabeth Mazon Machado, coordenadora do projeto no âmbito do Instituto Contemporâneo, as vítimas indiretas do feminicídio precisam de atenção diferenciada para lidar com o luto, o desamparo e o medo. “A morte traz o sentimento esperado de luto, mas a violência implicada nesta forma de crime desorganiza um projeto de vida, trazendo o medo diante do inesperado e da agressão.”

Há também, em alguns casos, a necessidade de auxílio para reorganizar as famílias que, além de lidar com o luto, precisam cuidar das crianças e dos adolescentes atingidos e de seus sentimentos. A psicóloga reforça que as consequências do crime não são as mesmas para todos. Elas podem se manifestar em paradas de desenvolvimento, depressão e repetição do comportamento violento.

Como nem todos têm condições financeiras de manter um acompanhamento terapêutico, o projeto cumpre a função de política pública, uma oportunidade de ter acesso ao serviço de forma gratuita. Por isso, a defensora pública Paula Simões salienta que as famílias devem estar abertas para receber o atendimento.

O ATENDIMENTO

A partir da identificação das vítimas indiretas que se enquadram no perfil buscado, iniciam-se os contatos, que vão



acontecer por telefone, inicialmente. Se a família se sentir confortável, será agendada uma visita domiciliar com a equipe psicossocial da Defensoria e o monitoramento dos casos em 60 dias.

A partir do acompanhamento, caso seja do interesse da família, são acionados os profissionais do Instituto Contemporâneo, que estarão aptos para realizar sessões de terapia com as vítimas, conforme a necessidade identificada. Segundo a defensora pública, o número de atendimentos da parceria é limitado; por isso, a expectativa é ampliar a ação com a participação de outros institutos, para que todas as famílias tenham suporte.

O Instituto fica localizado em Porto Alegre, mas a Defensoria entende a necessidade de que o projeto atue em âmbito estadual. Por isso, para moradores das varas do interior que se enquadrem no perfil, serão oferecidas sessões de terapia online. Caso a família não tenha tecnologia ou instrumentos para conectividade, poderá utilizar a estrutura da Defensoria Pública do município.

Famílias que se encaixam nos requisitos do serviço e buscam o acompanhamento podem entrar em contato com a Defensoria pelo e-mail nudeca@defensoria.rs.def.br

A sua saúde agradece!

Nossa academia é um espaço pensado para cuidar da sua saúde, do seu bem-estar e da sua qualidade de vida. Com modalidades que unem movimento, cuidado e motivação para todas as idades.

A musculação é mais do que exercício: é um momento só seu. Um tempo pra cuidar do corpo, aliviar a mente, ganhar força, autoestima e se reconectar consigo mesmo no seu próprio ritmo.

A natação infantil promove saúde, coordenação e confiança desde cedo. Além de fortalecer o corpo, ajuda no desenvolvimento motor, na disciplina e na segurança das crianças dentro da água.

A Hidroginástica / hidrobike é um movimento com leveza e baixo impacto, ideal para quem busca saúde, fortalecimento e bem-estar, cuidando do corpo e das articulações de forma segura e prazerosa.

fitnesslife
academia para mulheres, água para todos.

📍 Rua Machado de Assis, 489 - SCS ☎ 51 98128-6600

